



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 05, pp. 55954-55959, May, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.24493.05.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## CONHECIMENTO DE ADOLESCENTES SOBRE SEXUALIDADE E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Lucas Costa de Gois<sup>1,\*</sup>, Sabrina Brenda Castelo Branco Silva<sup>1</sup>, Glória Stéphany Silva de Araújo<sup>1</sup>, Amanda Sousa Rodrigues<sup>1</sup>, Lara Beatriz Pereira Lima<sup>1</sup>, Alex Junior Rodrigues<sup>2</sup>, Luciano Luz Ribeiro<sup>3</sup>, Maria Eduarda Gonçalves Nunes<sup>4</sup>, Rawenna Machado Dias de Oliveira<sup>4</sup>, Paulo da Costa Araújo<sup>5</sup>, Edvar Pereira de Sousa Júnior<sup>6</sup>, Caroline Lopes Costa<sup>7</sup>, Maurício Amorim de Araújo Junior<sup>8</sup>, Yanna Portela Cavalcante<sup>9</sup>, Joelma Maria dos Santos da Silva Apolinário<sup>10</sup>, Mônica Odília Magalhães Dias<sup>11</sup>, Layslla de Souza Paiva Lins<sup>12</sup> and Priscilla Dantas Almeida<sup>13</sup>

<sup>1</sup>Acadêmicos de enfermagem pela Universidade Estadual do Piauí; <sup>2</sup>Acadêmico de Enfermagem pela UNIP

<sup>3</sup>Enfermeiro pela Uninovafapi; <sup>4</sup>Acadêmicos de medicina pela Uninovafapi; <sup>5</sup>Acadêmico de medicina pela Universidade CEUMA; <sup>6</sup>Acadêmico de Enfermagem pelo Centro Universitário Santo Agostinho; <sup>7</sup>Radiologista pela Uninovafapi; <sup>8</sup>Psicólogo pela UNINASSAU; <sup>9</sup>Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela UESPI; <sup>10</sup>Acadêmica de Farmácia pela UNINASSAU; <sup>11</sup>Acadêmica de Biomedicina pelo Centro Universitário Christus; <sup>12</sup>Acadêmica de Biomedicina pela UNINASSAU; <sup>13</sup>Enfemeira Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 20<sup>th</sup> February, 2022

Received in revised form

19<sup>th</sup> March, 2022

Accepted 30<sup>th</sup> April, 2022

Published online 20<sup>th</sup> May, 2022

#### Key Words:

Conhecimento, Adolescente, Doenças Sexualmente Transmissíveis.

#### \*Corresponding author:

Lucas Costa de Gois

### ABSTRACT

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), anteriormente conhecidas como Doenças Sexualmente Transmissíveis, abrangem uma ampla gama de doenças causadas por vírus, bactérias e outros microrganismos, que podem ser transmitidas por meio de diversas formas de contato sexual. Nessa perspectiva, esta pesquisa trata-se de uma revisão integrativa da literatura. A revisão é composta por cinco etapas: identificação do problema, busca na literatura, avaliação dos dados, análise dos dados e apresentação da revisão. Dessa forma, busca de estudos respondeu às seguintes indagações que nortearam esta pesquisa: qual as evidências mais atuais na literatura sobre o comportamento sexual e o conhecimento de adolescentes sobre sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis? O que é notado mais comumente nos achados? Desse modo, os estudos foram publicados nos anos de 2017 a 2022 sendo o equivalente de 50% no ano de 2020 e cerca de 12,5% no ano de 2017, 12,5% no ano de 2018, 12,5% no ano de 2019 e 12,5 % no ano de 2022. Diante disso, a maioria dos trabalhos eram do Brasil 25%, contra 12,5% do Vietnã, 12,5% da Bosnia e Herzegovina, 12,5% da África do Sul, 12,5% da Alemanha, 12,5% da Espanha e 12,5% dos Estados Unidos.

Copyright © 2022, Lucas Costa de Gois et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Lucas Costa de Gois, Sabrina Brenda Castelo Branco Silva, Glória Stéphany Silva de Araújo, Amanda Sousa Rodrigues et al. "Conhecimento de adolescentes sobre sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis", *International Journal of Development Research*, 12, (05), 55954-55959.

## INTRODUCTION

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), anteriormente conhecidas como Doenças Sexualmente Transmissíveis, abrangem uma ampla gama de doenças causadas por vírus, bactérias e outros microrganismos, que podem ser transmitidas por meio de diversas formas de contato sexual. As ISTs também podem ser desencadeadas por mucosas não integrais que entram em contato com secreções

corporais contaminadas (Belda, Shiratsu & Pinto, 2009; Bruce & Rogers, 2004; Decker, 2016). De acordo com o mais recente Boletim da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 1 milhão de novas infecções ocorrem todos os dias. Os casos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) têm aumentado no Brasil, principalmente entre jovens de 15 a 29 anos. Dessa maneira, clamídia, gonorréia, sífilis, tricomoníase, HPV, hepatites virais e HIV estão entre as ISTs mais comuns.

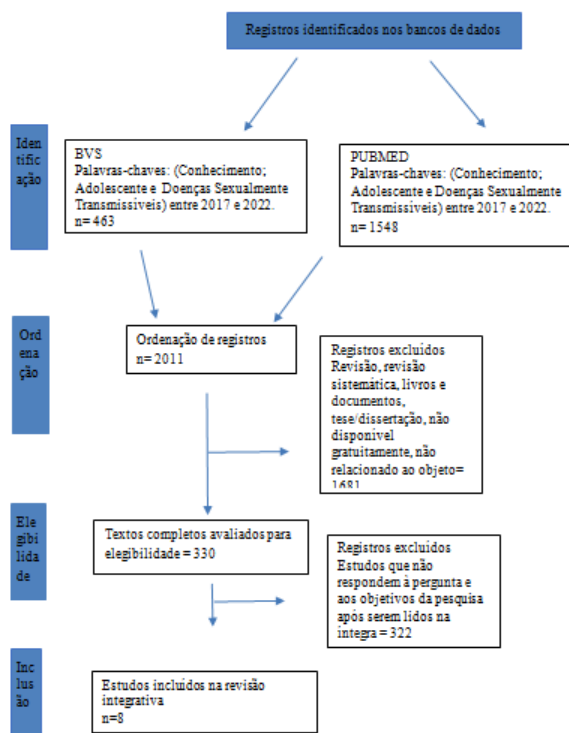
Todas as pessoas estão em risco de infecção, embora haja uma prevalência significativa entre adolescentes, com os jovens representando mais da metade de todos os casos notificados anualmente (Workowski & Bolan, 2015; Brasil, 2018; Tributino, Montgomery, Bertrand, Marak, Almonte, Berg, João, Browning, Medina, Morse & Chan, 2018; Lorente, Berghe, Bolea & Valero, 2018). Devido aos avanços tecnológicos e à inteligência artificial, houve um aumento na disponibilidade de informações de conteúdo sexual na internet nos últimos anos. Apesar do aumento do acesso à informação, persiste o desconhecimento dos adolescentes sobre métodos de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e questões relacionadas à sexualidade, e representa um problema atual e urgente (Anderson, Dingle, Gorman Gullo & Young, 2020; Almeida, Corrêa, Rolim, Hora, Linard, Coutinho & Oliveira, 2017). Os adolescentes, apesar de suas habilidades tecnológicas, são vulneráveis na hora de tomar decisões sobre as informações oferecidas na internet. A insegurança sexual, que surgiu quadro deficitário, é um evento atual e polarizador no mundo da saúde. Tem como consequências primárias uma gravidez indesejada e/ou doenças de transmissão sexual, que atingem indivíduos, famílias e sociedade, além de aumentar custos de cuidados de saúde. Dessa forma, ao considerar os agravos à saúde de adolescentes causados pela falta de informações suficientes e de qualidade, as IST se formam da mesma forma que uma gravidez não planejada e é um problema de saúde pública (Israni, Matheny, Matlow & Whichter, 2020; Almeida, Corrêa, Rolim, Hora, Linard, Coutinho & Oliveira, 2017).

Os dados sobre a prevalência de doenças sexualmente transmissíveis na população adolescente e jovem brasileira são inconclusivos. Como fator de exposição, a prática sexual sem proteção ou com uso infrequente de preservativos, seja entre parceiros estáveis ou em relacionamentos eventuais. Desse modo, ressalta-se que o no Brasil, o Ministério da Saúde tem recomendado que os temas de saúde sexual e reprodutiva, bem como a prevenção de IST, sejam abordados de forma educativa com alunos da primeira e segunda série do ensino fundamental até o ensino médio (Wendland, Horvath, Kops, Bessel, Caierão, Hohenberger, Domingues, Maranhão, Souza & Benzaken, 2018; Brasil, 1997). Nesse contexto, é necessário identificar o conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis. Nessa perspectiva, a prevenção de infecções é de suma importância para que estratégias educativas integradas possam ser implementadas. Dessa forma, esse estudo teve por objetivo analisar a literatura para expor a temática sobre o conhecimento dos adolescentes a respeito de sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis.

## METODOLOGIA

Nessa perspectiva, esta pesquisa trata-se de uma revisão integrativa da literatura. A revisão é composta por cinco etapas: identificação do problema, busca na literatura, avaliação dos dados, análise dos dados e apresentação da revisão. Dessa forma, a busca de estudos respondeu às seguintes indagações que nortearam esta pesquisa: qual as evidências mais atuais na literatura sobre o comportamento sexual e o conhecimento de adolescentes sobre sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis? O que é notado mais comumente nos achados? (Souza, Silva & Carvalho, 2010). Sendo assim, foi feito um estudo de revisão, tendo como suporte periódicos publicados nas bases de dados PUBMED e na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Os critérios de inclusão foram: artigos originais de estudos primários; em inglês/espanhol/português; caracterizando especialmente o comportamento sexual e o conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade; publicados entre os anos de 2017 a 2022, a partir da combinação dos seguintes descritores: conhecimento, adolescente, doenças sexualmente transmissíveis. Dessa maneira, os critérios de exclusão foram todos os estudos que não se delimitaram dentro dos critérios de inclusão e que não se enquadraram na questão norteadora deste estudo. Dessa maneira, a pesquisa em questão tem como tema escolhido o conhecimento de adolescentes sobre sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis. Os comportamentos sexuais e o conhecimento sobre a sexualidade

são vistos como algo primordial para garantir uma devida saúde sexual em adolescentes, pois, os mesmos se encontram em processos de descobertas que por muitas das vezes ainda não obtiveram o conhecimento necessário para se prevenir de infecções sexualmente transmissíveis. Sendo assim, o conhecimento facilita uma abordagem integral na prevenção e controle de problemas advindos da sexualidade. Desse modo, a pesquisa agregou 330 pesquisas selecionadas para uma análise rigorosa, das quais 8 se estabeleceram dentro dos critérios de inclusão. Dessa forma, os dados obtidos foram apresentados em tabelas, analisados e interpretados conforme o objetivo do presente estudo, tendo como norte para os próximos passos a literatura preconizada anteriormente. Sendo assim, a figura 01 caracteriza o meio no qual foi utilizado para obtenção dos artigos.



Fonte: autores, 2022.

Figura 1. Obtenção dos artigos científicos 2022

## RESULTADOS

Nessa perspectiva, abaixo apresentam-se os resultados dessa pesquisa, dividido em duas tabelas, sendo a Tabela 01, de caracterização dos artigos, e a Tabela 02, de análise do exposto em cada um dos artigos. Dessa forma, a Tabela 01 apresenta 1 artigo na revista *Global Health Action*, 1 na *Journal of Infection and Public Health*, 1 na *African Health Sciences*, 2 no *Journal Plos ONE*, 1 na *Revista de Enfermagem UFPE online*, 1 na *Acta Medica Academica*, e por fim 1 na *Journal of the German Society of Dermatology*. Desse modo, os estudos foram publicados nos anos de 2017 a 2022 sendo o equivalente de 50% no ano de 2020 e cerca de 12,5% no ano de 2017, 12,5% no ano de 2018, 12,5% no ano de 2019 e 12,5% no ano de 2022. Diante disso, a maioria dos trabalhos eram do Brasil 25%, contra 12,5% do Vietnã, 12,5% da Bósnia e Herzegovina, 12,5% da África do Sul, 12,5% da Alemanha, 12,5% da Espanha e 12,5% dos Estados Unidos. Dessa maneira, os conteúdos das pesquisas encontradas referiam-se ao conhecimento de adolescentes sobre sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis (Tab. 2).

## DISCUSSÕES

**Conhecimento sobre sexualidade:** Uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa revelou que para uma parte dos 22 adolescentes estudantes do ensino médio a sexualidade é referente à forma de expressão em gênero e preferência sexual sendo, portanto, atribuída

**Tabela 1. Caracterização dos artigos. Teresina – PI 2022 (N=08)**

Nº	TÍTULO	AUTORIA	BASE	ANO	PAÍS	REVISTA
1	Knowledge of safe sex and sexually transmitted infections among high school students, Vientiane Prefecture, Lao PDR	Khonesavanh, Ha, Anh & Sychareun	PUBMED	2020	Vietnam	Global Health Action
2	Knowledge of adolescents regarding sexually transmitted infections and pregnancy	Almeida, R. A. A. S. et al.	Scielo	2017	Brazil	Revista Brasileira de Enfermagem
3	Sexual knowledge and practice of adolescent learners in a rural South African school	Mostert, K. et al.	PUBMED	2020	South Africa	African Health Sciences
4	Sexual and reproductive health education of adolescent students	Franco, M. S. et al.	BVS	2020	Brazil	Revista de Enfermagem UFPE online
5	Knowledge and Attitudes of Sexually Transmitted Infections Among High School Students in Sarajevo	Vranic, Aljicevic, Segalo & Joguncic	PUBMED	2019	Bosnia and Herzegovina	Acta Medica Academica
6	Evaluation of the knowledge of students concerning sexually transmitted infections in Bavaria/Germany (a cross-sectional study)	Rummel, M. et al.	Wiley Online Library	2022	Germany	Journal of the German Society of Dermatology
7	Interventions to reduce risk for sexually transmitted infections in adolescents: A metaanalysis of trials, 2008-2016	Morales, A. et al.	PUBMED	2018	Spain	Journal Plos ONE
8	IMARA: A mother-daughter group randomized controlled trial to reduce sexually transmitted infections in Black/African-American adolescents	Donenberg, G. R. et al.	PUBMED	2020	United States	Journal Plos ONE

Fonte: Autores, 2022.

**Tabela 2. Análise de conteúdo dos artigos. Teresina – PI 2022 (N=08)**

Nº	OBJETIVOS	CONCLUSÃO
1	Descrever o conhecimento sobre sexo seguro e DST's e identificar fatores relacionados entre estudantes do ensino médio na província de Vientiane, Laos PDR.	Os adolescentes incluídos neste estudo tinham um conhecimento geralmente baixo sobre sexo seguro e IST's. Portanto, há necessidade de educação sexual abrangente, principalmente em relação ao conhecimento de conteúdos sobre planejamento familiar e IST e HIV/AIDS.
2	Investigar o conhecimento de adolescentes relacionado as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), AIDS e gravidez, além de conhecer a compreensão sobre o papel da escola na educação sexual.	O conhecimento sobre a prevenção de IST e gravidez foi principalmente relacionado ao uso de preservativos, anticoncepcionais orais e adiamento do início da atividade sexual. Em relação a AIDS os entrevistados mostraram algum desconhecimento quanto as formas de transmissão.
3	Relatar o conhecimento e a atividade sexual de alunos de uma escola rural antes da implantação do projeto Stepping Stones em uma escola rural sul-africana.	Os participantes eram sexualmente ativos, usavam contraceptivos de forma inconsistente, tinham conhecimento insuficiente sobre sexo e tinham percepções distorcidas do comportamento sexual. Um programa de longo prazo entre pares, como o programa Stepping Stones, poderia beneficiar a escola e a comunidade.
4	Relatar a experiência de estudantes do Curso de Enfermagem na implementação de intervenções educacionais para a promoção da saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar.	Permitiu-se, a partir deste estudo, a aproximação dos acadêmicos em Enfermagem com o espaço escolar, possibilitando entender, compreender e vivenciar o papel do enfermeiro enquanto educador em saúde a grupos específicos como os adolescentes. Enfatiza-se a necessidade de atividades no âmbito escolar a fim de promover o conhecimento e adoção hábitos e práticas saudáveis que impactem e assegurem aos estudantes riscos mínimos de injúrias à saúde sexual e reprodutiva.
5	Avaliar o conhecimento e os riscos comportamentais relacionados às infecções sexualmente transmissíveis (IST's) entre estudantes do ensino médio	Embora a maioria dos estudantes do ensino médio esteja ciente sobre a estudo confirmou a necessidade de implantação de programas de educação sexual, nas séries finais do ensino fundamental ou nos primeiros anos do ensino médio, visando aprimorar o conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis e aumentar a saúde sexual e reprodutiva.
6	Avaliar a consciência e o nível de conhecimento entre jovens estudantes da Baviera/Alemanha para DST's com foco em vírus do papiloma humano (HPV).	Muitos jovens ainda são insuficientemente informados sobre as IST. Em relação ao HPV os adolescentes apresentam os níveis mais baixos de conscientização de todas as DST's avaliadas.
7	Avaliar a eficácia de intervenções de promoção da saúde sexual, redução de IST e gravidez não planejada direcionadas a adolescentes disponíveis após 2008; e analisando os moderadores de sua eficácia global	As intervenções de promoção da saúde sexual são eficazes para promover a saúde sexual através do aumento do uso do preservativo. As intervenções foram eficazes para aumentar o conhecimento relacionado à saúde sexual, promover uma atitude favorável em relação ao HIV e métodos de proteção, autoeficácia para usar preservativos, intenção comportamental, incluindo intenção de uso de preservativo e intenção de recusar sexo, e aumento do uso de preservativos entre os adolescentes.
8	Avaliar a eficácia do IMARA, um programa de prevenção psicossocial de DST/HIV mãe-filha, em DST's incidentes de meninas adolescentes negras/afro-americanas.	Este estudo fornece dados preliminares de eficácia indicando que IMARA protege contra incidentes DST's. Ao focar na mãe-filha, o IMARA potencializa a comunicação e contribui para um comportamento sexual mais adequado das filhas.

Fonte: Autores, 2022.

aos diversos comportamentos sexuais e suas carências ou relacionados à masculinidade ou feminilidade, ainda que não obrigatoriamente atrelada ao um contexto sexual (Almeida, Corrêa, Rolim, Hora, Linard, Coutinho & Oliveira, 2017). Quanto ao sexo seguro foi relacionado por grande parte dos 337 alunos de uma escola ao uso correto e consistente do preservativo, segundo um estudo de desenho analítico transversal que utilizou um questionário estruturado. Somado a isso, entretanto, foi evidenciado que menos de um quarto sabia se era possível engravidar durante o ciclo menstrual regular

revelando, assim, insuficiência no conhecimento (Inthavong, Ha, Anh & Sychareun, 2020). Em outros estudos além dessas medidas, possuir vínculo com o parceiro, uso de anticoncepcional conhecimento quanto às infecções sexualmente transmissíveis (IST) e suas formas de contágio também foram citadas pelos adolescentes como medidas protetivas (Almeida, Corrêa, Rolim, Hora, Linard, Coutinho & Oliveira, 2017; Mostert, Sethole, Khumisi, Peu, Thambura, Ngunyulu & Mulaudzi, 2020). No que se refere ao planejamento familiar um estudo com 337 alunos e de desenho analítico transversal

que utilizou um questionário estruturado apontou como fontes primárias de informações citadas pelos adolescentes à plataforma social "Facebook" (84,5%), seguidas de filmes ou televisão (78,9%) (Inthavong, Ha, Anh & Sychareun, 2020). Ao serem questionados dos métodos de prevenção à gravidez os adolescentes mencionaram principalmente pílula anticoncepcional e preservativo de acordo com pesquisas realizadas na África do Sul, Brasil, Bósnia e Herzegovina. Contudo, foi comumente observado, ainda, o uso, especialmente, do preservativo realizado de forma inadequada (Mostert, Sethole, Khumisi, Peu, Thambura, Ngunyulu & Mulaudzi, 2020; Franco, Barreto, Carvalho, Silva, Moreira, Cavalcante, Silva & Lima, 2020; Vranic, Aljicevic, Segalo & Joguncic, 2019). Outro estudo produzido no Brasil já descreve adicionalmente a vasectomia, o diafragma, os anticoncepcionais injetáveis, a pílula do dia seguinte, o DIU e a tabelinha como estratégias de anticoncepção (Almeida, Corrêa, Rolim, Hora, Linard, Coutinho & Oliveira, 2017). Outro dado importante foi demonstrado em uma pesquisa com 79 alunos em uma escola da África relacionada ao nível de entendimento dos alunos quanto ao sexo com menores de 16 e uso de anticoncepcionais por esses. Dessa forma, concluiu-se que (44,9%) possuíam conhecimento que fazer sexo com menores de 16 anos era contra lei e a grande maioria concordava que o uso de anticoncepcionais por essas deveria ser informados aos pais. Além disso, (70,5%) tinham conhecimento que é falso que 'uma menina não pode engravidar na primeira vez que faz sexo' (Mostert, Sethole, Khumisi, Peu, Thambura, Ngunyulu & Mulaudzi, 2020). No que se refere a uma possível vivência de gravidez indesejada pelos adolescentes um estudo realizado em duas escolas na Bósnia com 278 alunos com idade média de 17,79±1,03, sendo 234 (84,2%) do curso de odontologia, enquanto 44 (15,8%) do ensino fundamental anos apontou que a intenção de conversar com os pais foi demonstrada por metade dos alunos de ambas as escolas analisadas, 18,1% dos alunos da faculdade de odontologia e apenas 7% dos alunos do fundamental assumiram a responsabilidade paterna de qualquer maneira, como também o aborto foram considerados (Vranic, Aljicevic, Segalo & Joguncic, 2019).

A escola é vista pelos adolescentes como fundamental na educação sexual, pois exerce um importante papel na promoção de saúde, embora abordagem, frequência e linguagem utilizadas no debate ao tema sejam insatisfatórias para alguns. Destaca-se ainda a dada importância dos familiares para essa discussão, embora a comunicação sobre o assunto seja frágil. Com isso, é de devida importância investir em meios que propiciem a educação sexual continuada em decorrência da prevenção de agravos na saúde ou de percepções distorcidas. Para que isso ocorra de forma efetiva foi enfatizado por alguns estudos o uso de programas de educação sexual nas séries finais do ensino fundamental ou nos primeiros anos do ensino médio com união entre pais, educadores, profissionais da saúde. (Inthavong, Ha, Anh & Sychareun, 2020; Almeida, Corrêa, Rolim, Hora, Linard, Coutinho & Oliveira, 2017; Mostert, Sethole, Khumisi, Peu, Thambura, Ngunyulu & Mulaudzi, 2020; Rummel, Engelshofen, Nellessen, Zippel, Schuster, French & Reinholz, 2022).

#### **Conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis (IST)**

Os próprios conceitos das siglas IST/AIDS, meios de transmissão e mecanismos de ação do HIV e ainda a ênfase do fato de que embora a AIDS ser uma doença de risco a saúde, hoje ela é tratável principalmente quando descoberta em sua fase inicial, foi relatada por alguns dos 22 alunos do ensino médio de uma escola do Brasil quando indagados sobre IST/AIDS (Almeida, Corrêa, Rolim, Hora, Linard, Coutinho & Oliveira, 2017). Sinais e sintomas foram evidenciados em um estudo com 79 participantes de escola com idade média de 13 anos, no qual citaram como principais sintomas de IST corrimento anormal (22,9%) e dor ao urinar (16,9%) (Mostert, Sethole, Khumisi, Peu, Thambura, Ngunyulu & Mulaudzi, 2020). De encontro com essa pesquisa outra ainda pontuou que mais de um terço de 137 integrantes do estudo reconheciam como sinal ou sintoma de infecção secreções do pênis ou vulva e fraqueza, ainda, muitos apontavam como vias de transmissão de ISTs as relações sexuais e o uso compartilhado de agulhas. Além disso, grande parte sabia que o HIV/AIDS tratava-se de IST e um pouco mais de um terço afirmaram que agentes causadores de DST eram virais (Inthavong, Ha, Anh &

Sychareun, 2020). Quanto ao comportamento de risco alguns adolescentes não souberam responder quando questionados, outros já identificaram como indesejável, destrutivo e danoso, sendo citados comportamentos como de ter vários parceiros sexuais ou parceiros desconhecidos, não utilizar preservativo ou algum método anticoncepcional, como também atribuíram o pensamento de "pensamento mágico" que existe na adolescência de se perceber inatingível, segundo uma pesquisa realizada no Brasil (Almeida, Corrêa, Rolim, Hora, Linard, Coutinho & Oliveira, 2017). Um estudo transversal produzido na Alemanha apontou o conhecimento dos adolescentes quanto o HPV, bem como, seu estado vacinal atual. Os resultados incluíam alunos com idade média de 15 anos esses foram divididos em dois grupos sendo J e o não J, constituindo um total de 3.834 integrantes. O grupo J apresentou 39,2% (155/395) de acertos em relação à etiologia ao grupo de alunos não J. O estado vacinal contra o HPV revelou baixa adesão entre os grupos no qual 36,7% (158/431) adolescentes do grupo J foram vacinados e 22,3% (190/852) vacinados no grupo não J (Rummel, Engelshofen, Nellessen, Zippel, Schuster, French & Reinholz, 2022). Em relação à prevenção estudos enfatizaram que o meio mais reconhecido pelos adolescentes foi o uso de preservativos. Prova disso, a melhor proteção evidenciada é o preservativo por 84,8% de 234 dos entrevistados em uma faculdade de odontologia e 79,5% de 44 dos entrevistados em uma escola secundária (Vranic, Aljicevic, Segalo & Joguncic, 2019). Também foi concordado por maioria dos adolescentes em um estudo descritivo de natureza qualitativa o uso do preservativo, além do não compartilhamento de seringas, associado a cuidados em transfusões sanguíneas (Almeida, Corrêa, Rolim, Hora, Linard, Coutinho & Oliveira, 2017).

Identificou igualmente por grande parte dos participantes de um estudo usar o preservativo regularmente, além da inclusão de teste antes do casamento ou do início de um novo relacionamento (Inthavong, Ha, Anh & Sychareun, 2020). Por outro lado, programas de promoção à saúde tiveram contribuições satisfatórias no conhecimento dos adolescentes em relação ao grupo de controle. A exemplo disso, um estudo de meta-análise destacou a eficácia de intervenções realizadas de 1 a 68 semanas em sua maioria feitas em escolas 55/63 no qual enfatizava HIV, DSTs, promoção da saúde sexual e/ou prevenção de gravidez (Morales, Espada, OrgileÂs, Escribano, Johnson & Lightfoot, 2018). Enquanto os grupos de controles constituíam-se de assistências voltadas a promover a saúde como evitar o uso de drogas, dieta e exercícios, sendo que uma pequena parcela recebeu algum tipo de conteúdo sobre saúde sexual e/ou HIV ou meios de prevenção, embora superficialmente exemplificado pela história dos preservativos. Denotam-se ainda os resultados das intervenções que em curto prazo elevou-se o aprendizado sobre HIV/AIDS e suas vias de transmissão, uso de preservativos, contraceptivos, outras DSTs (mas não incluindo HIV), saúde sexual, prevenção da gravidez (Morales, Espada, OrgileÂs, Escribano, Johnson & Lightfoot, 2018). Em médio prazo a diminuição do risco de IST, uso de preservativo e anticoncepcionais, ações saúde sexual abrangendo prevenção da gravidez e crenças sobre abstinência, uso de preservativo e pessoas que fazem sexo com pessoas do mesmo sexo. Em longo prazo o risco diminuído para aquisição de uma IST em adolescentes foi pelo uso de preservativo (Morales, Espada, OrgileÂs, Escribano, Johnson & Lightfoot, 2018). Outro estudo controlado randomizado comprovou que um programa de prevenção psicossocial de DST/HIV mãe-filha o (IMARA) realizados com adolescentes de 14 a 18 anos e com sua principal cuidadora foram elegíveis para o estudo durante 12 meses obteve resultados positivos quando comparado ao grupo de controle da promoção da saúde (Donenberg, Kendall Emerson, Fletcher, Bray & McCabe, 2020).

O IMARA buscou desenvolver a relação e comunicação de mãe-filha no que tange prevenção de DST/HIV e sexo seguro por meio de uso de preservativos, acompanhamento materno contribuindo para o orgulho na cultura negra/afro-americana e o empoderamento de gênero. Isso foi possível por meio da inserção de jogos, dramatizações e informações de DSTs e HIV, discussão quanto relações saudáveis ou não com colegas e parceiros, evidenciar o

desempenho que a mídia tem na autoimagem de meninas negras/afro-americanas e suas consequências na saúde mental no comportamento sexual de risco (Donenberg, Kendall Emerson, Fletcher, Bray & McCabe, 2020). Já o de controle da promoção à saúde quando comparado ao IMARA, que possuía o mesmo foco na diáde mãe-filha, contudo não enfatizando a saúde sexual e reprodutiva ou a comunicação dessas, buscou fomentar ações do tipo alimentação e nutrição saudáveis, atividade física e exercício, comportamento do consumidor informado, padrões de beleza para mulheres e meninas negras/afro-americanas, fatos pessoais e sociais e custos do uso de drogas/álcool e prevenção da violência (Donenberg, Kendall Emerson, Fletcher, Bray & McCabe, 2020). Dado isso, as 164 meninas que forneceram dados de IST em ambos os momentos, destacou-se as do IMARA tiveram 43% menos possibilidade de uma nova IST em 12 meses comparado aquelas do programa de promoção da saúde. As chances eram altas para aquisição de uma DST incidente no decorrer do programa em indivíduos que tinham IST no início como evidenciado  $RR = 3,24$ , 95% [IC 1,78–5,93],  $p < 0,001$ . E já naquelas que foram analisadas em cada ponto no tempo, as chances de IST no IMARA passou de 19% para 16% enquanto o programa de promoção da saúde passou de 14% para 24% (Donenberg, Kendall Emerson, Fletcher, Bray & McCabe, 2020). Acerca das principais fontes de informações sobre ISTs destacadas pelos adolescentes sobressairam os filmes ou televisão (85,1%) e a rede social “Facebook” (84,8%) em um estudo com 137 adolescentes (Inthavong, Ha, Anh & Sychareun, 2020). Outra já destacou as aulas escolares 84,3 % (3.164/3.755; masculino 81,2 % 1.451/1.786, feminino 87,4 % 1.665/1.906), internet com 54,4% (2.044/3.755; masculino 54,3% 970/1.785, feminino 54,6% 1.041/1.906) e televisão com 46,5% (1.747/3.755; masculino 48,3% 863/1.786, feminino 45,1% 859/1.906) (Rummel, Engelshofen, Nellessen, Zippel, Schuster, French & Reinholz, 2022).

## CONCLUSÃO

Nesse sentido, o estudo evidenciou o conhecimento insuficiente de adolescentes acerca dos temas sexualidade e IST's, o que torna essa população vulnerável a comportamentos sexuais de risco e suas implicações. Os adolescentes ainda possuem muitos questionamentos e percepções errôneas sobre práticas sexuais, além de um baixo nível de conscientização sobre prevenção de IST's, acrescenta-se à problemática a falta de suporte educacional. Ressalta-se que intervenções educativas no âmbito escolar têm contribuído de forma significativa para o aumento da conscientização entre adolescentes, no entanto, as escolas ainda não oferecem uma abordagem adequada para tratar o assunto que na maioria das vezes é também negligenciado em domínio familiar. Dessa forma, denota-se a importância de ações educativas integradas entre escola, famílias e profissionais de saúde com a finalidade potencializar o compartilhamento de informações instrutivas e promover uma orientação correta. Por fim, dada a complexidade do tema e os diferentes contextos que podem influenciar o entendimento de adolescentes sobre sexualidade e IST's, sugere-se novas investigações sobre fatores que interferem no desenvolvimento da educação sexual no âmbito escolar, haja vista a necessidade de subsídios científicos para o planejamento de políticas públicas que mitiguem deficiências na promoção da saúde e educação sexual.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, R. A. A. S., Corrêa, R. G. C. F., Rolim, I. L. T. P., da Hora, J. M., Linard, A. G., Coutinho, N. P. S., Oliveira, P. S. (2017). Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. *Rev Bras Enferm.* 70(5), 1087-94. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/reben/a/p4gD43L6gJhMZv3yGkRfvnM/?lang=pt>
- Anderson, L. E., Dingle, G. A., O’Gorman, B., Gullo, M. J. (2020). Young adults sexual health in the digital age: perspectives of care providers. *Sex Reprod Health*, 25, e100534.
- Recuperado de <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1877575620301725?via%3Dihub>.
- Belda, W., Shiratsu, R., Pinto, V. (2009). Abordagem nas Doenças Sexualmente Transmissíveis. *Anais Brasileiros de Dermatologia.* 84(2), 151-159. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/abd/a/ypyDRm4hXy474D4XvWjmtvs/?lang=pt>.
- Brasil. (1997). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.
- Brasil. (2018). Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. *Boletim Epidemiológico Hepatites Virais.*
- Bruce, A. J., Rogers, R. S. (2004). Oral Manifestations of Sexually Transmitted Diseases. *Clinics in Dermatology.* 22(6), 520-527. Recuperado de <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0738081X04001257#:~:text=In%20secondary%20syphilis%2C%20the%20oral,sphilis%20is%20the%20mucous%20patch>.
- Decker, C. F., Morgan, M. K., Lane, A. B., Perkins, M. J., Eikhoff, C. A., Koren, M., Hutter, J. N., Ford, G. W., Copeland, N. K. (2016). Sexually Transmitted Diseases: An Overview. *Disease-a-Month.* 62(8), 258-259. Recuperado de <https://www.science-direct.com/journal/disease-a-month/vol/62/issue/8>.
- Donenberg, G. R., Kendall, A. D., Emerson, E., Fletcher, F. E., Bray, B. C., McCabe, K. (2020) IMARA: Um estudo controlado randomizado de grupo de mãe e filha para reduzir infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes negros / afro-americanos. *PLoS ONE.* 15(11), 1-15. Recuperado de <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0239650>.
- Franco, M. S., Barreto, M. T. S., Carvalho, J. W. de, Silva, P. P. da, Moreira, W. C., Cavalcante, M. C., Silva, D. F. C. da, Lima, L. H. O. (2020). *Rev enferm UFPE on line*, 14, e24493. Recuperado de <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/244493/36298>.
- Israni, S. T., Matheny, M. E., Matlow, R., Whither, D. (2020) Equity, inclusivity, and innovative digital Technologies to improve adolescent and young adult health. *J Adolesc Health.* 67(2), S4-S6. Recuperado de [https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(20\)30266-4/fulltext](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(20)30266-4/fulltext).
- Khonesavanh, I., Ha, L. T. H., Anh, L. T. H., Sychareun, V. (2020). Knowledge of safe sex and sexually transmitted infections among high school students, Vientiane Prefecture, Lao PDR. *Global Health Action.* 13(2), 66-73. Recuperado de: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/16549716.2020.1785159>
- Lorente, M, S., Berghe, C. W., Bolea, R. C., Valero, J. S. (2018). Web 2.0 Tools in the Prevention of Curable Sexually Transmitted Diseases: Scoping Review. *Journal of medical Internet research.* Alicante. 20(3), e113. Recuperado de <https://www.jmir.org/2018/3/e113/>.
- Morales, A., Espada, J. P., Orgile, A. S., Escibano, S., Johnson, B. T., Lightfoot, M. (2018). Interventions to reduce risk for sexually transmitted infections in adolescents: A metaanalysis of trials. *PLoS ONE.* 13(6), 1-26. Recuperado de <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0199421>.
- Mostert, K., Sethole, K. M., Khumisi, O., Peu, D., Thambura, J., Ngunyulu, R. N., Mulaudzi, M. F. (2020). Sexual knowledge and practice of adolescent learners in a rural South African school. *Afri Health Sci.* 20(1), 28-38. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7750082/>.
- Rummel, M., Clanner-Engelshofen, B. M., Nellessen, T., Zippel, S., Schuster, B., French, L. E., Reinholz, M. (2022). Evaluation of the knowledge of students concerning sexually transmitted infections in Bavaria/Germany (a cross-sectional study). *J Dtsch Dermatol Ges.* 20(2), 169-176. Recuperado de <https://online.library.wiley.com/doi/10.1111/ddg.14653>.
- Souza, M. T., Silva, M. D., Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein.* 8(1), 102-106. Recuperado de <https://journal.einstein.br/pt-br/article/revisao-integrativa-o-que-e-e-como-fazer/>.

- Tributino, A., Montgomery, M. C., Bertrand, T., Marak, T., Almonte, A., Van Den Berg, J., São João, K., Browning, C., Medina, M. M., Morse, A., Chan, P. A. (2018). Partner Notification Outcomes After Integration of an On-site Disease Intervention Specialist at a Sexually Transmitted Disease Clinic. *PloS one*. 13(3), e0194041. Recuperado de <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0194041#:~:text=named%20or%20treated.-,Conclusions,and%20engaging%20partners%20for%20treatment>.
- Vranic1, S. M., Aljicevic, M., Segalo, S., Joguncic, A. (2019). Knowledge and Attitudes of Sexually Transmitted Infections Among High School Students in Sarajevo. *Acta Medica Academica*. 48(2),147-158. Recuperado de <http://www.ama.ba/index.php/ama/article/view/370/pdf>.
- Wendland, E. M., Horvath, J. D. C., Kops, N. L., Bessel, M., Caierão, J., Hohenberger, G. F., Domingues, C. M., Maranhão, A. G. K., Souza, F. M. A., Benzaken, A. S. (2018). Sexual behavior across the transition to adulthood and sexually transmitted infections: findings from the national survey of human papillomavirus prevalence. *Medicine*. 97(33), e11758. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6112916/>.
- Workowski, K. A., Bolan, G. A. (2025). Sexually Transmitted Diseases Treatment Guidelines. *Morbidity and Mortality Weekly Report*. 64(RR-03), 1-13. Recuperado de <https://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/rr6403a1.htm>.

\*\*\*\*\*